

# DESORDEM URBANA

Especialistas alertam que a transformação de invasões em cidades não garante a infra-estrutura necessária nem a melhoria da qualidade de vida. Para governo, população em favelas ainda é pequena

Fotos: Carlos Vieira/CB/7.7.06

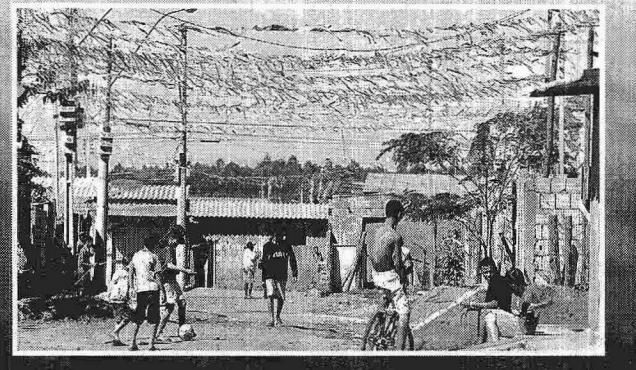


A FAMÍLIA DE LUCIENE AUMENTOU JUNTO COM A ESTRUTURAL

## CRESCIMENTO ACELERADO

O problema pelo país

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	1991	2000	VARIAÇÃO
DISTRITO FEDERAL	5,7 MIL	28,4 MIL	398%
JOÃO PESSOA	18,6 MIL	68 MIL	265%
SALVADOR	85,3 MIL	238 MIL	179%
ARACAJU	4,8 MIL	11,9 MIL	146%
TERESINA	39,9 MIL	95,4 MIL	139%



O ITAPOÃ ABRIGA 50 MIL PESSOAS E NÃO PÁRA DE SE EXPANDIR

# Sem escola, asfalto, saúde e cidadania

ÉRICA MONTENEGRO

DA EQUIPE DO CORREIO

**A**s ruas esburacadas e casas simples das localidades mais pobres do Distrito Federal reúnem histórias de luta pela sobrevivência. A maioria dos moradores trocou a rotina simples do interior pelo sonho de melhorar as condições de vida na capital do país. A trajetória da dona-de-casa Luciene Maria da Silva, 34 anos, seguiu exatamente esse roteiro. Há 16 anos, ela e o marido deixaram a cidade de Água Preta, em Pernambuco, para tentar a sorte no DF. Aqui, o casal se arranjou em um barraco de madeirite na área da Estrutural, que, à época, ainda começava a ser povoados.

"Eu criei meus meninos debaixo de lona, agora é que estamos um pouquinho melhor", conta, referindo-se à casa de tijolo sem reboço, com sala, cozinha, dois quartos e banheiro da família. Mas Luciene ainda convive com poeira na porta de casa e esgoto correndo a céu aberto na rua. "As crianças vivem doentes, esta pequeninha está com pneumonia. E o pior é que não consigo consulta para ela no posto de saúde", relata a mãe.

A Estrutural, elevada à categoria de cidade em 2005, tem 26 mil moradores, um único posto policial, uma escola que vai apenas até a 4ª série do ensino fundamental e um posto de saúde que não dá conta da demanda. "Pela lei, o governo nos transformou em cidade. Mas, na prática, ainda somos uma invasão", reclama a líder comunitária Helena Pereira de Souza, 37 anos, há 15 na Estrutural. Apesar da carência de infraestrutura e de ainda não existirem documentos que compro-

vem a posse dos lotes, há imóveis no lugar sendo vendidos por mais de R\$ 10 mil. Alguns moradores investem as economias na construção de prédios de até três andares na área, sem que o plano de urbanização para a nova cidade tenha sido definido.

### Longe dos olhos

Há um mês, a geógrafa Mônica Veríssimo, do Fórum das ONGs Ambientalistas do DF, recebeu a visita de uma equipe de jornalistas de uma televisão francesa. Os repórteres estavam aqui para fazer uma matéria sobre as obras do arquiteto Oscar Niemeyer e se espantaram com a ausência de áreas pobres na capital brasileira.

"Tive de explicar a eles que a pobreza estava no entorno do Plano Piloto, mas eles só acreditaram quando os levei ao Itapoã", explica. "Na verdade, Brasília não se reconhece como uma cidade com favelas. Governo, moradores e arquitetos não costumam usar a palavra para descrever áreas como a Estrutural e o Itapoã. Normalmente, estes lugares são chamados de invasões. E, a partir do momento que são reconhecidos pelo governo, ganham o nome de cidades. 'O problema é que reconhecer como cidade não significa dotar o local da infraestrutura mínima necessária', critica Flósculo.

### MORADIAS PRECÁRIAS

*Condições de moradia precárias são descritas nas pesquisas do IBGE como aglomerados subnormais. A categoria inclui áreas com mais de 50 casas que estejam em terrenos cuja propriedade seja alheia (pública ou particular) ao morador. Estes locais também sofrem com a precariedade de serviços públicos essenciais, como iluminação, abastecimento de água e dotação de esgoto. No DF, áreas como o Itapoã e a Estrutural pertencem à categoria porque ainda não têm rede de esgoto.*

## FERNANDA CABÚS MARINHO DE CASTRO

### 1 ANO DE SAUDADES

Nelson, Janice, Ricardo e Juliana convidam para a Missa de 1 Ano de falecimento, que será celebrada hoje, dia 15/07/2006, às 18h30min., na Igreja São Judas Tadeu - 908 sul.

### Aumento relativo

Para Mônica Veríssimo, a atitude governamental de criar regiões administrativas em áreas precárias apenas mascara a situação de falta de cidadania: "É uma medida eleitoreira, feita para conquistar votos apenas". A secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação, Diana Motta, discorda. "Além do governo conseguir mais recursos para a urbanização da região, vemos que o primeiro passo dos moradores é fazer melhorias em suas casas", ressalta.

Diana Motta considera ainda que as informações sobre a favelização em Brasília precisam ser relativizadas. "Ainda somos a capital com menor percentual da população vivendo em condições precárias", afirma. Pelos dados encaminhados à ONU, os moradores das favelas representam cerca de 1,5% da população total do DF. "Belém tem população menor que a nossa e lá são pelo menos 400 mil favelados", acrescenta Diana Motta.

## LUCIANO OLIVEIRA LACERDA

### MISSA DE 1 ANO DE FALECIMENTO

Humberto, Elizabete, Marcelo, Ana Paula e Maria Luiza convidam para a Missa de 1 Ano de Falecimento do nosso querido e inesquecível filho, irmão, cunhado e tio Luciano Oliveira Lacerda, a realizar-se no dia 18/07/2006, terça-feira, às 19 horas, na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na QL 06/08 Lago Sul.

DF - Brasília

Gustavo Moreno/Especial para o CB



DEJANIRA, O MARIDO E OS SEUS FILHOS FIZERAM DE UM MATAGAL PERTO DA EPLANADA O LAR DA FAMÍLIA

## Eles vivem à sombra do Poder

CAROLINA CARABALLO

DA EQUIPE DO CORREIO

O relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) estima que, até 2020, 1,4 bilhão de pessoas em todo o mundo estarão morando em favelas. No Brasil, esse número chegaria a 55 milhões — o que equivale a 1/4 da população. O documento, porém, não leva em conta as centenas de famílias que, no DF, disputam espaço com os catadores postais da cidade.

Ao redor da Esplanada dos Ministérios e do Congresso Nacional, catadores sobrevivem do lixo produzido pelo Poder. O papel branco e as garrafas PET jogadas fora se transformam em dinheiro. E, para ficarem mais próximos da fonte de renda, adultos e crianças vivem em meio a entulho e criações de galinhas, cachorros e cavalos. Eles dormem em barracas de lona e madeira, tomam banho com a ajuda de baldes, cozinham em latas de alumínio.

O catador Milton da Silva, 41 anos, está instalado há oito anos no matagal que se estende em frente à Procuradoria Geral da República. Divide um barraco com a mulher, Dejanira Mirandala Leite, 34, e seis filhos, a caçula de 2 anos e o mais velho de 16. "O dinheiro da comida vem do papel, do plástico. A gente vende o material para um moço que sempre passa por aqui. Conseguimos tirar quase R\$ 300 por mês", detalha Milton. "Morar aqui é bom. A gente está perto

da escola dos meninos, na Vila Planalto, e o socorro vem rápido quando precisamos.

O único problema são os agentes que passam aqui de mês em mês e derrubam nossa casa", diz o homem, referindo-se às operações realizadas pela Subsecretaria do Sistema Integrado de Vigilância do Uso do Solo (Siv-Solo). Junto ao barraco do catador baiano moram pelo menos outras cinco famílias de catadores.

**MORAR AQUI É BOM. A GENTE ESTÁ PERTO DA ESCOLA DOS MENINOS, NA VILA PLANALTO, E O SOCORRO VEM RÁPIDO QUANDO PRECISAMOS**

Milton da Silva,  
catador

montado atrás do Setor de Embaixadas Norte. "Aqui eu posso catar entulho para vender. O que ganho não dá para pagar a passagem de ida e volta para Planaltina todos os dias", argumenta. "Se eu ficar em casa sem trabalhar, a gente passa fome. Aqui, o pessoal que passa de carro ajuda muito. Quando as férias terminam, os meninos estão até mais gordinhos."

Para evitar a ocupação irregular de áreas públicas, o Siv-Solo monitora as invasões. O governo retira mensalmente de 80 a 120 barracos em todo o DF. As áreas centrais são as mais visadas. De acordo com o gerente de operações do órgão, major Márcio Pereira da Silva, cerca de 60 agentes atuam apenas no Plano Piloto. "As famílias se concentram principalmente nas proximidades da Esplanada dos Ministérios. A região oferece material em fartura para os catadores de papel e de plástico", explica.

Os agentes do Siv-Solo tentam vencer os invasores pelo cansaço. Chegam a vistoriar as áreas mais problemáticas uma vez por semana. Aproveitam a visita para derrubar os barracos, jogar fora a lona e a madeira usada para erguer os, e apreender o material colhido pelos catadores. "Nós não podemos impedir as pessoas de continuarem lá. Elas têm o direito de ir e vir. Só podemos impedir a construção de barracos e o uso da área como depósito de entulho", conclui o major Márcio.